

“A MAIORIA DOS ISRAELENSES NÃO ESTÁ ESCUTANDO”¹

Resenha do filme: *The Gatekeepers* (2012)

por Natalia Nahas Carneiro Maia²

FICHA TÉCNICA

Documentário (Israel, França, Bélgica e Alemanha)
95 Minutos, Julho 2012, Hebraico
Direção: Dror Moreh
Cinematografia: Avner Shahaf
Produção: Estelle Fialon, Philippa Kowarsky e
Dror Moreh

Dirigido pelo cineasta Dror Moreh, o documentário *Shomrei Ha-saf*, ‘The Gatekeepers’ ou ‘Os Guardiões’ em sua tradução para o português, entrevista todos os sobreviventes ex-chefes do Shin Bet, agência de segurança israelense, cujas atividades e corpo de membros são segredos de Estado cuidadosamente guardados. O documentário entrevista os seis ex-líderes: Ami Ayalon, Avraham Shalom, Avi Dichter, Carmi Gillon, Yuval Diskin, e Yaakov Peri e suas respectivas atuações e percepções a cerca dos principais eventos que marcaram a história da agência e, conseqüentemente, a história do próprio conflito israelo-palestino. O documentário retrata o papel que o grupo desempenhou na segurança israelense desde a Guerra dos Seis Dias em 1967 até os dias atuais. O filme foi nomeado para melhor documentário no 85º *Academy Awards* em 2013 e no *Israeli Film Academy Award*. O Documentário ganhou o prêmio da *Los Angeles Film Critics Association* e da *US National Society of Film Critics Awards* para melhor

¹ Frase proferida por Ami Ayalon em Janeiro de 2013 (RUDOREN, 2013). Mais informações vide pagina 6 desta resenha.

² **Natalia Nahas Carneiro Maia** é bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, pós-graduada em Política e Relações Internacionais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e membro integrante do Grupo de Trabalho sobre Oriente Médio e Mundo Muçulmano da FFLCH-LEA USP.

documentário/filme não ficção e dividiu o *Cinema for Peace Award* para mais valioso documentário no ano de 2013.

‘Shin Bet’ é uma abreviação de duas letras hebraicas do nome *Sherut haBitachon haKlali* (transliteração do Hebraico (שירות הביטחון הכללי)) ou Serviço de Segurança Geral, também conhecido pelo seu acrônimo *Shabak* (שב"כ) - Agência de Segurança Israelense³. O diretor Dror Moreh entrelaça as lembranças e reflexões dos seis ex-chefes da agência em uma perturbadora narrativa da ocupação israelense dos territórios palestinos desde a Guerra de 1967. O documentário procede desde 1967 até os dias atuais, explorando os principais eventos ocorridos ao longo desta trajetória. A história do Shin Bet, que se mistura com a história do conflito e com os próprios questionamentos dos líderes da agência, relata as dificuldades, desafios, argumentações e dilemas morais envolvidos em operações como prisões em massa de palestinos, a primeira intifada (1987-1993), os ataques suicidas à partir de 1994, as demonstrações de extrema-direita contra os acordos de Oslo de 1993, o assassinato de Yitzhak Rabin em 1995 e a segunda intifada (2000-2005), dentre outros grandes eventos. O documentário também lida com o incidente envolvendo o ônibus israelense 300, que em 1984 foi sequestrado por terroristas palestinos, que foram fotografados vivos e bem, mas foram mortos em seguida. Evidências posteriores indicaram que a ordem para matá-los tinha vindo do então chefe do Shin Bet Avraham Shalom, que acabou por ser persuadido em discutir este tema com Moreh depois de horas de entrevista. (ANDERMAN, 2013).

³ O Shin Bet é uma das três principais organizações que integram a inteligência israelense, juntamente com a Aman (Inteligência Militar) e o Mossad (Instituto para Inteligência e Operações Especiais). O Shabak e o Mossad são duas agências de inteligência distintas. Enquanto o Shabak (ou Shin Bet) é orientado à ações de segurança internas ao Estado de Israel, o Mossad é orientado à segurança fora dos territórios israelenses. O Shin Bet é um serviço de inteligência doméstica fundado em 1948 juntamente com a declaração de independência de Israel inicialmente como uma filial das Forças de Defesas Israelenses (IDF) e posteriormente colocado sob responsabilidade do Primeiro Ministro do país. De acordo com o seu estatuto de 2002, a organização “serve ao Estado de Israel e o protege contra ameaças de terror, espionagem, sabotagem, subversão política e exposição de segredos de Estado”. O Shin Bet coleta sua inteligência através de fontes tecnológicas bem como de recursos humanos. Até a Guerra dos Seis Dias de 1967, o Shin Bet voltava-se prioritariamente à contraespionagem e ao monitoramento de atividade política entre a população árabe de Israel. Após a guerra, os esforços da agência em monitorar a atividade terrorista nos territórios palestinos da Cisjordânia e da Faixa de Gaza tornou-se o foco prioritário de suas atividades. Já o Mossad é o serviço de inteligência internacional de Israel, fundado em 1949 e é nomeado pelo Estado de Israel para coletar informações, analisar a inteligência e realizar operações secretas especiais para além de suas fronteiras. O Mossad não mais responde ao Ministério das Relações Exteriores de Israel, reportando-se diretamente ao Primeiro Ministro. (conforme fontes oficiais do Mossad e Shabak).

De acordo com a jornalista do Haaretz e crítica de cinema Nirit Anderman, os seis ex-líderes do Shin Bet sentaram em frente às câmeras e forneceram revelações surpreendentes e ásperos *insights* sobre a realidade em que se vive em Israel e na Palestina. De acordo com ela:

[...] o diretor Dror Moreh não somente consegue extrair francas admissões e análises fascinantes dos ex-chefes Shin Bet. Eles também reconhecem erros que cometeram no exercício do mandato e apontam críticas às decisões tomadas pelos líderes políticos aos quais se reportavam. Observações estas que vêm do coração do sistema de defesa do país. (tradução nossa⁴) (ANDERMAN, 2013).

Para alguns críticos mais ferozes, como Gideon Levy (2012), também do Haaretz, o documentário já não era sem tempo, e revela a terrível verdade por trás do empreendimento da ocupação de acordo com seus próprios responsáveis no sistema de justiça militar. Para ele, “os seis ex-chefes do Shin Bet admitiram terem pestanejado e terem falhado no exame das consequências mais amplas de suas ações”. (LEVY, 2012)

De acordo com Jodi Rudoren, chefe da sucursal do New York Times em Jerusalém, a imprensa israelense em sua maioria elogiou o filme. Uri Klein, crítico de cinema do liberal Daily Haaretz, o descreveu como “um dos documentários mais inteligentes, maduros e auto-disciplinados que foram produzidos aqui recentemente.” (RUDOREN, 2013).

De acordo com David Denby, crítico de cinema do New Yorker, a crítica às políticas de Israel são mais livres no país do que nos Estados Unidos, e o documentário seria mais uma prova desta liberdade e do histórico crítico da oposição israelense. De acordo com ele, “o mais chocante é o quão francos todos eles são – ao menos para os padrões americanos. O filme é mais uma prova que a discussão do comportamento de Israel é muito mais livre em Israel do que o é nos Estados Unidos”. (DENBY, 2012).

Esta é também a opinião de Mark Taylor, pesquisador sênior do Instituto FAFO para Estudos Internacionais Aplicados, com sede em Oslo. De acordo com Taylor, tem sido um truísmo antigo do conflito israelense-palestino o fato de ser mais fácil falar honestamente acerca repressão israelense em hebraico e em Israel do que falar sobre isto em qualquer outra língua ou em qualquer outro lugar. Nos últimos anos, ainda que a crítica tenha se tornado mais difícil - já que o governo do primeiro-ministro israelense

⁴ Todos os trechos reproduzidos em português foram de tradução livre deste autor a partir do original em Inglês.

Benjamin Netanyahu tentou reprimir a oposição interna - ainda assim, a crítica interna não desapareceu:

Quando é verbalizada, a verdade sobre o uso e abuso de poder no julgo israelense sobre os palestinos tem a tendência de recorrer a duas fontes principais: as vítimas palestinas, em particular por meio de documentação e campanhas pelas organizações de Direitos Humanos (tanto palestinas quanto israelenses); e escritores e jornalistas críticos e de livre-pensamento da mídia israelense, por vezes recorrendo à informantes de dentro do *establishment* de segurança. O novo filme de Dror Moreh 'Os Guardiões' vai muito na tradição destes últimos. (TAYLOR, 2013)

Estas entrevistas com os arquitetos da ocupação confirmam que o escopo e a qualidade do mando de Israel sobre os palestinos é basicamente o que tem sido descrito pelas organizações de Direitos Humanos e pela imprensa israelense crítica por décadas, afirma Taylor. "A realidade brutal da ocupação não será novidade para os palestinos, é claro, nem para a minoria de israelenses que tem há tempos lutado contra o fracasso do seu Estado em abandonar a realidade da ocupação sobre outro povo". (TAYLOR, 2013). Para Taylor, esta morte anunciada da democracia israelense tem sido ouvida já há muitos anos na centro-esquerda israelense, assim como os efeitos corruptores da ocupação na sociedade e na política israelense. (TAYLOR, 2013)

Jodi Rudoren recorda que Ariel Rubinstein, professor de economia na Universidade de Tel Aviv e ativista de longa data do movimento pacifista, descreveu o documentário em seu artigo publicado no Yediot Aharonot como "o documento dos sonhos para aqueles que desejam convencer através do poder das palavras quão devastadora é a ocupação". (RUDOREN, 2013). Ao contrário, Aluf Benn, editor do Haaretz, publicou em uma de suas colunas, que o filme era "conveniente para o Shin Bet":

[...] pintando seus chefes como vítimas da liderança política e amenizando suas próprias interpretações e maleabilidade da lei. Os palestinos, o Sr. Benn queixou-se, "são retratados no filme como estereótipos: um árabe e um jumento em preto e branco, jovens atirando pedras, uma multidão gritando correndo atrás de uma ambulância" (RUDOREN, 2013)

Gideon Levy é mais inflamado em sua crítica. Para ele, o mundo do Shin Bet foi exposto como nunca antes havia sido:

Trabalhadores do saneamento fazem um trabalho extremamente sujo, mas necessário; assim também os agentes do serviço de segurança do Shin Bet. Mas enquanto os lixeiros são considerados inferiores, os funcionários do Shin Bet desfrutam de uma aura de prestígio e estima. Oh, como nós aplaudimos os nossos espectros. Dois chefes do Shin Bet passaram a ministros, um deles é um empresário bem sucedido, um tocador de trompete ocasional e uma mega-

celebridade que poderá em breve ser um membro do Knesset e ministro de Estado. Seu mundo foi exposto como nunca antes: "Shom'ray Ha'Saf" ("The Gatekeepers" em Inglês), o impressionante documentário de Dror Moreh cuja estreia israelense foi realizada neste fim de semana no Tel Aviv Cinematheque, chega às salas de cinema locais já ornamentado de prêmios internacionais. Seus heróis, todos os seis sobreviventes ex-chefes do Shin Bet, agradeceram a estreia com suas presenças e foram recompensados, é claro, com aplausos - heróis culturais ou não. Este surpreendente filme repleto de sobressaltos é imprescindível: uma sensação de náusea e de profundo desgosto brota de seu final. (LEVY, 2012).

O controverso colunista do Haaretz e membro do conselho editorial continua:

Estas imagens apresentam a Israel (e ao mundo) um quadro muito preocupante e assustador. Não são mais apenas os detratores de Israel que estão comparando as Forças de Defesa do país com os nazistas. Agora, embora com algumas reservas, Avraham Shalom também. Já não são somente os desprezados esquerdistas de Israel que brandem as profecias do filósofo Yeshayahu Leibowitz sobre os efeitos corrosivos da ocupação e seu poder de transformar Israel em um "Estado do Shin Bet"; agora, com algumas reservas, Yuval Diskin, também o admite - e ambos Shalom e Diskin ignoram o fato de que eles próprios estavam entre as parcelas que foram responsáveis pela transgressão. (LEVY, 2012).

Gil Troy do *The Jerusalem Post*, Professor de História na McGill University, diferentemente, critica as distorções do filme e a fala tão franca dos 'seis fantasmas' diante das câmeras. Para Troy, o silêncio em muitos casos ainda é ouro:

Assim como os padres devem resistir à vontade para transmitir suas confissões mais escabrosas, os fantasmas não devem falar, sejam eles ativos ou aposentados. Esta restrição deve ser auto-imposta, e não ditada pelo governo, ela é um imperativo moral, não legal. Embora a democracia garanta aos cidadãos o direito de falar livremente, ela também confia a certos cidadãos responsabilidades especiais. Os oficiais de inteligência tornam-se monges políticos, fazendo um voto excepcional de serviço e de silêncio. Confiados pelo povo e pelos seus líderes com segredos de Estado e um ponto de vantagem exclusivo, eles devem ser patriotas tímidos às câmeras, avessos aos microfones e alérgicos a publicação de livros de memórias - apesar dos grandes avanços a ganhar ou importantes pontos políticos para marcar. (TROY, 2013).

O historiador israelense é bastante enfático em sua crítica ao documentário, chegando a afirmar que esta confusão entre as opiniões "profissionais" e "pessoais" dos ex-líderes do Shin Bet ressoam como um *coup d'etat* pelos ex-líderes aposentados, especialmente pelo tom de crítica dos ex-agentes ao governo atual de Netanyahu e sua política de ocupação. Ao envolverem suas conclusões políticas - e as do diretor Dror Moreh - no manto de credibilidade que ganharam enquanto serviram à nação nesta posição tão sensível, ignoram o processo político de então. Troy não se surpreende que o documentário tenha sido adotado por ativistas anti-israelenses ao redor do mundo, cuja maioria, segundo ele, "ignora a complexidade moral e a hostilidade palestina que estes

‘guardiões’ reconhecem”. Os seis ‘ex-fantasmas’, como são chamados por Troy, não são tolos, não podendo alegar estarem surpresos que sua exposição cinematográfica esteja encorajando aqueles que deslegitimam Israel. (TROY, 2013).

Pensando em termos norte-americanos, continua Troy (2013), “imagine a indignação dos liberais caso seis ex-agentes diretores da CIA divulgassem histórias internas que descrevem o presidente Barack Obama como um débil apaziguador de terroristas”, ou então a “fúria dos conservadores caso os ex-agentes da CIA se reunissem antes de 2008 para contarem contos retratando George W. Bush como um fascista atropelador das liberdades civis”. (TROY, 2013). O historiador inclusive duvida que ex-diretores da CIA se “atreveriam de tal forma a abusar de suas posições – e da confiança do público norte-americano” (TROY, 2013).

Uma lacuna ultrajante continua a distorcer o discurso do Oriente Médio, de acordo com Troy. “O Hamas pode doutrinar adolescentes de Gaza para cumprir sua carta prevendo a destruição de Israel, a Autoridade Palestina pode subverter a democracia ao manter seu presidente no cargo por muito tempo após a expiração do seu mandato, mas Israel permanece escalado como o [ator mais] pesado” – e cruel. Para Troy a recente reação do público na Cinemateca de Jerusalém teria mostrado como o filme reforçou essa bússola moral quebrada. “Meu filho de 16 anos percebeu que o público reagiu visceralmente a descrição dos óbitos por espancamento de dois terroristas palestinos durante o horrível escândalo do Ônibus 300, mas parecia blasé em relação as fotos da carnificina [fruto] dos atentados suicidas em Israel”. (TOY, 2013)

Este desequilíbrio reflete uma grande distorção histórica de acordo com Troy. Ele continua: “Os excertos escolhidos a dedo pelos “fantasmas falantes” contam uma história simplista, preto no branco e unilateral, culpando Israel e retirando dos palestinos sua responsabilidade, culpabilidade e dignidade”. De forma a enfatizar a culpa israelense, para Troy o documentário exagera no impacto do assassinato de Yitzhak Rabin em 1995. “O assassinato de Rabin não assassinou a esperança”, argumenta, “o Hamas e o Jihad Islâmica sim”. Troy conclui de forma vigorosa sua crítica ao documentário, quase canonizando o silêncio e *modus operandi* da Agência de Segurança Israelense e esquecendo-se de tomar os devidos cuidados ao generalizar o ‘terror palestino’ e não identificar os diferentes matizes da política e oposição palestina:

Estou consternado que o discurso seja tão unilateral, no filme e na realidade - eu desconheço qualquer filme palestino que agonize sobre dilemas semelhantes. Não obstante, eu abomino a indiscrição coletiva dos fantasmas

que falam, lamento a morte de um importante código democrático de silêncio digno, lamento que eles não tenham escolhido outros veículos para expressar seus pontos de vista, estou intrigado sobre por que o dinheiro dos impostos israelenses subsidiou o filme. Quando um número suficiente de líderes palestinos estiver igualmente angustiado, quando estiverem igualmente prontos a mudar do assassinato à conversa, então a paz pela qual muitos de nós anseia será atingível. Até então, eu quero que os meus agentes de inteligência sejam discretos, deliberativos e mortais. (TROY, 2013)

Em janeiro de 2013 Jodi Rudoren entrevistou Ami Ayalon, chefe do Shin Bet de 1996 à 2000, que teme que o filme tenha menos impacto onde ele é mais importante, pois, de acordo com ele, a maioria dos israelenses que viu o documentário é formada de indivíduos que já estão convencidos [dos efeitos nefastos da ocupação]. De acordo com Ayalon, “A maioria dos israelenses não está escutando. [...] Quando é muito difícil, a maneira mais fácil de lidar com isso é fechar nossos olhos e tapar nossos ouvidos”. (RUDOREN, 2013). Ayalon é pessimista quanto a probabilidade de diálogo e de mudança na mentalidade:

A questão é se essas pessoas que acreditam que não há ninguém para conversar com, nada para se falar sobre, e que estamos condenados a continuar lutando e matando durante as próximas 10 gerações - e eles são apoiados e fortalecidos pela nossa comunidade política - se estas pessoas estarão abertas ou não para ver um ponto de vista diferente”, disse Ayalon. “Provavelmente é muito difícil.” (RUDOREN, 2013)

De acordo com Jodi Rudoren, do *New York Times*, a mensagem do documentário “Os Guardiões” formada a partir da sabedoria coletiva dos seis ex-líderes do Shin Bet ainda vivos é de que a ocupação é imoral e, talvez, mais importante, ineficaz. Para ela, Israel deve se retirar da Cisjordânia, como fez da Faixa de Gaza em 2005. Rudoren argumenta que a manutenção e crescimento da ocupação diminuem diariamente a perspectiva de uma solução de dois Estados, ameaçando o futuro de Israel como uma democracia judaica. (RUDOREN, 2013)

Dentre os pontos altos do documentário, algumas passagens podem ser citadas, como o já mencionado assassinato de dois terroristas palestinos que haviam sequestrado o ônibus 300. Enquanto os terroristas estavam contidos após serem capturados, foi dito ao então chefe do Shin Bet, Avraham Shalom (1980-1986), que eles “quase morreram” fruto do espancamento pelo serviço israelense. Então, “Shalom meramente deu-lhes uma pequena ordem para que ‘acabassem com o serviço’ - e ele se tornou uma vítima da liderança política.” O incidente de 1984 eventualmente levou à

renúncia de Shalom como líder do Shin Bet (LEVY, 2012) e balançou o governo israelense. (MOREH 2013 apud ANDERMAN, 2013)

Avraham Shalom em seu depoimento afirmou que Israel deve conversar com qualquer um que queira conversar com os israelenses, incluindo o Hamas, o Jihad Islâmica, e o então presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad. “No Estado de Israel, é um luxo muito grande não falarmos com nossos inimigos”, afirmou. “Mesmo se sua resposta for insolente, sou a favor de continuarmos. Não há outra alternativa”. Shalom continua: “Está na natureza do homem de inteligência profissional conversar com todos. É assim que você chega ao âmago das coisas. Eu descubro que ele não come vidro e ele vê que eu não bebo óleo”.

Outro importante momento do documentário é citação do filósofo e intelectual Yeshayahu Leibowitz em 1968 sobre o Estado israelense após a Guerra dos Seis Dias.

Um país que controla uma população hostil de um milhão de estrangeiros será, necessariamente, um Estado Shin Bet, com tudo o que isto requer, com implicações sobre a educação, liberdade de expressão e de pensamento e sobre a governança democrática. A corrupção que caracteriza todo regime colonial também irá infectar o Estado de Israel. A administração terá que lidar, por um lado, com a supressão de movimentos rebeldes árabes, e por outro cultivar desertores, traidores árabes. (LEIBOWITZ, 1968, APUD ANDERMAN, 2013).

Yuval Diskin, que chefiou o Shin Bet entre 2005 e 2011, respondeu com firmeza: "Eu concordo com cada palavra." (ANDERMAN, 2013).

De sua parte, Yaacov Peri, que atuou como chefe da agência de 1988 à 1995, e foi eleito em 2013 para o Parlamento como membro do partido centrista *Yesh'Atid* ou em inglês '*There is a Future*' reconheceu que “qualquer um que serviu no Shin Bet e saiu com memórias de operações envolvendo ataques noturnos à casas de famílias aterrorizadas ‘se torna um pouco esquerdista’.” (PERI, 2012, APUD ANDERMAN, 2013; RUDOREN, 2013).

Ao se referir ao momento pós Guerra de 1967 e a consequente ocupação da Faixa de Gaza, Cisjordânia, Península do Sinai e Colinas de Golã, Avraham Shalom declara sobre o aumento de securitização na agência:

Colocando de forma cínica, felizmente para nós, o terrorismo aumentou. [...] porque agora tínhamos trabalho. E paramos de lidar com o Estado da Palestina. Assim que paramos de lidar com o Estado palestino e começamos a lidar com o terrorismo, o terror tornou-se mais sofisticado. E então nós também. De repente, nós tínhamos um monte de trabalho em Gaza e na Cisjordânia. E no exterior também, então nós esquecemos sobre a questão palestina. (SHALOM, 2012)

O documentário coleciona uma porção de fases e declarações impactantes, como é o caso de “Na guerra contra o terror esqueça-se da moralidade”. Avraham Shalom também declarou: “Não havia nenhuma estratégia, somente táticas” e “É um traço muito negativo o que adquirimos. Nós nos tornamos cruéis, para nós mesmos, mas principalmente para a população ocupada, usando a desculpa da guerra contra o terrorismo”. Ami Ayalon, chefe do Shin Bet de 1996 à 2000, declara em dada parte do documentário: “Você se pergunta cada vez menos e menos onde parar”. Ayalon também lamenta: “A tragédia do debate de segurança pública de Israel é que nós não nos damos conta de que estamos diante de uma situação frustrante em que vencemos todas as batalhas, mas perdemos a guerra”. Yuval Diskin, no cargo de 2005 à 2011, ao expressar sua dificuldade em sentar-se à mesa para negociar o processo de paz com terroristas afirma: “Para eles, a propósito, eu também era um terrorista. O terrorista de uns é o combatente da liberdade de outros”.⁵

Os interlocutores de Moreh também admitiram o uso de algumas formas de interrogação aumentada (as chamadas *enhanced interrogation techniques*) como sacudir a cabeça dos interrogados de forma violenta e utilização da privação de sono. Diskin descreve o processo: “nós descobríamos quem queríamos recrutar [como informante] e, em seguida, fazíamos esta pessoa fazer coisas que ela nunca imaginou que faria”.

De acordo com o diretor, foi importante para ele que o espectador entendesse que o documentário é baseado em documentos genuínos e autênticos. O que mais lhe interessa são os escrúpulos morais, a razão psicológica que motiva uma pessoa. (ANDERMAN, 2013)

Moreh reconheceu em sua entrevista à Nirit Anderman que foi repetidamente surpreendido pelos ex-agentes. “Fiquei de queixo caído por pelo menos vinte vezes em cada entrevista” disse ele. Moreh menciona especificamente o monólogo de Yuval Diskin ao se referir a uma questão que lhe foi colocada sobre uma ordem ilegal, sobre o que acontece com você quando você se levanta e decide tirar a vida de um ser humano. “Eu absolutamente não esperava uma coisa dessas” afirmou Moreh. (ANDERMAN, 2013).

O depoimento de Yuval Diskin nesta passagem que marca a abertura do documentário, transcrito abaixo, é verdadeiramente impressionante:

⁵ Nesta passagem Diskin fez referência à citação de Gerald Seymour introduzida em seu livro ‘Harry's Game’ publicado em 1975 que travada do Exército Republicano Irlandês: “*One man's terrorist is another man's freedom fighter*”.

Existem as 'operações super limpas' quando ninguém ficou ferido, exceto os terroristas. Mesmo assim, mais tarde, a vida pára à noite, durante o dia, quando você está se barbeando... Todos nós temos os nossos momentos. Durante as férias... você diz: "ok, eu tomei uma decisão e um número x de pessoas foram mortas. Eles estavam definitivamente prestes a lançar um grande ataque. Ninguém perto deles ficou ferido. [A operação] foi o mais estéril possível". No entanto, você ainda diz: "há algo de anormal nisso". O que não é natural é o poder que você tem de pegar essas pessoas, terroristas, e tomar suas vidas em um instante. (DISKIN, 2012).

O diretor afirma que os agentes do Shin Bet são nada mais que emissários enviados pelo Estado de Israel, em nome dos cidadãos israelenses, para lidarem de forma violenta e brutal com o conflito Israelo-Palestino e hoje dizem basta ao uso da violência, acreditando que o conflito não mais pode ser resolvido desta forma. Dror Moreh continua:

Os funcionários do Shin Bet, Moreh diz, são nada mais do que emissários. Eles são enviados pelo Estado de Israel para lidar com o conflito iraelo-palestino em nome do país. "Para o público de Israel, especialmente em Tel Aviv, é sempre muito fácil de criticar e dizer que o Shin Bet é conduzido com brutalidade", diz ele. "É importante que eles façam isso [critiquem], mas você também precisa se lembrar de que eles são enviados em nosso nome para fazer o trabalho mais sujo e fétido que possa existir, para que então você e eu possamos sentar aqui e conduzir uma conversa em paz e tranquila, sem ser explodido", ele acrescenta. [...] "A propósito, eu não acho que eles expressem suas opiniões políticas no filme. Eu não acho que eles estejam vindo quer seja da esquerda ou da direita, mas em vez disso eles são muito pragmáticos e falam a partir de uma compreensão profunda do que este conflito custou, está custando, e continuará a custar, se tudo continuar a ser tratado como está sendo tratado [agora]. Eles sabem disso. Eles fizeram uso da força. Como nossos emissários, eles fizeram todo o possível para suprimir esta coisa e eles vêm hoje e dizem: 'Chega. Não é possível continuar deste jeito. Nós já tivemos o suficiente com a força. Ela não funciona e também não vai funcionar [no futuro]' ". (ANDERMAN, 2013).

De acordo com Avi Dichter, chefe do Shin Bet de 2000 à 2005, e hoje Ministro de Proteção da Frente Interna, "a paz não é criada através de meios militares". É preciso construir a paz através de relações de confiança, quer seja após campanhas militares quer seja sem hostilidades. Como alguém que conhece bem os palestinos, afirma, "não é preciso ser um problema construir relações genuínas de confiança com eles". (ANDERMAN, 2013; RUDOREN, 2013). Uma das declarações mais desencorajadoras em 'Os Guardiões' reflete quantas vezes os líderes israelenses desperdiçaram oportunidades para acabar com a ocupação da Cisjordânia ou permitiram a expansão da construção dos assentamentos ilegais, apesar de uma quase garantida resposta violenta do lado oposto. Shalom declara: "Qual é a diferença entre Golda Meir e Begin? Nenhuma. Ele não visitou os árabes. Ela também não".

Para Gideon Levy, os agentes do Shin Bet eram apenas subcontratados na guerra contra o terror. Eles sabiam que o que estavam fazendo não somente era desumano, imoral ("não há moralidade", como declarado por Shalom) como também às vezes ilegal. Ao lado dos sucessos, argumenta, eles sabiam que suas ações causaram mais que alguns desastres para Israel, mas ficaram em silêncio. Levy continua: "agora, quando já é tarde demais, eles se lembram de falar, e mesmo assim não corajosamente o suficiente". (LEVY, 2012)

Agora eles se lembram de dizer que o problema palestino não pode ser resolvido com a força, que cada assassinato engendrou um substituto mais radical, que eles e seus agentes interrogaram e torturaram dezenas de milhares de palestinos, "talvez centenas de milhares", e que todo o negócio era inútil. (LEVY, 2012)

Gideon Levy é bastante crítico quanto a responsabilidade dos líderes do Shin Bet na 'luta contra o terror' e quanto a necessidade de julgá-los pelos crimes e abusos cometidos:

Revirando os olhos, eles passam a responsabilidade para a liderança política, cujo papel eles menosprezaram, como se eles não pudessem ter influenciado muito mais, ou terem torturado e assassinado muito menos. Como se eles não soubessem naquele momento que ao lado das bem sucedidas operações de contra-terrorismo, a questão de quanto terror seus métodos cruéis inflamaram clamava por uma resposta. Quantos novos terroristas não nasceram nas celas de interrogatório nas quais dezenas de milhares de pessoas foram sacudidas, espancadas, atadas, humilhadas e torturadas através dos métodos monstruosos cujo uso eles admitiram. Há países em que os indivíduos que são responsáveis por atos semelhantes foram processados, em outros eles ao menos demonstraram remorso anos depois. Não é assim para as nossas cabeças do Shin Bet. Aqui eles são convidados bem-vindos em todos os estúdios de notícias ou partidos, celebridades cujas opiniões são valorizadas, estrelas que decoram listas partidárias, heróis nacionais que ninguém pensaria em repudiar. Os guardiões de Israel, se é que alguma vez eles realmente o foram, estes que permanecem exatamente como eram - sem dores de consciência, sem consciência nenhuma, e sem arrependimentos. Por que eles deveriam se comportar de forma diferente? Afinal, Israel continua a aplaudi-los. (LEVY, 2012)

Os seis ex-líderes Shin Bet também reconhecem que a ocupação da Cisjordânia inflige grande dano ao lado israelense. "O futuro é negro", afirma Avraham Shalom, em um dos comentários mais duros do filme. "Isso traz uma mudança na natureza da população, porque você está colocando a maior parte de nossos jovens no exército, e eles veem as contradições lá. Por um lado, [é um exército] que quer ser um exército do povo, e de outro, é um cruel exército de ocupação, similar ao dos alemães durante a Segunda Guerra Mundial." (ANDERMAN, 2013).

Moreh afirma que o filme lhe tornou “muito mais pessimista” em relação ao conflito na região. Para ele, “nós passamos o ponto sem retorno”, e atualmente nenhum líder em sua opinião seria capaz de tomar as decisões necessárias para resolver o conflito. Moreh afirmou que os antigos líderes do Shin Bet são bastante mais otimistas que ele, afirmando que uma liderança forte e resoluto pode executar o processo de paz. Contudo, Moreh não vislumbra este tipo de liderança no horizonte, e diz ter perdido a esperança. Das pessoas que hoje vislumbra na política israelense, “Eu não vejo ninguém que possa levar esta carga sobre seus ombros, e a conclusão é muito sombria e deprimente”. (ANDERMAN, 2013).

Yuval Diskin, chefe do Shin Bet de 2005 à 2011, criticou as políticas israelenses em relação aos palestinos neste último 04 de Dezembro de 2013 em um fórum público que marcou o décimo aniversário da Iniciativa de Genebra⁶. Diskin fez uso de seu discurso no evento para alertar que “as ramificações do falho processo de negociação são muito mais graves para o futuro de Israel do que o programa nuclear iraniano⁷”. Diskin afirmou que “um acordo é necessário agora, antes que cheguemos a um ponto de não retorno, depois do qual uma solução de dois Estados será impossível”. “E eu digo isto mesmo sendo impopular fazê-lo”. (RAVID, 2013). Diskin continuou em sua defesa do processo de paz dialogado:

“Eu gostaria de ter certeza que a nossa casa aqui tem fronteiras claras, e que nós estamos colocando a santidade do povo antes da santidade da terra”, acrescentou Diskin. “Eu quero uma pátria que não requeira a ocupação de outro povo a fim de manter-se.” [...] Ao criticar as políticas do governo, Diskin disse também “a coalizão em Israel e os problemas de controle no Likud estão tornando um acordo com os palestinos impossível”. A tensão entre os dois povos está tornando impossível o alcance e implementação de um acordo. [...] “Devemos criar esperança. Devemos dar aos dois povos a sensação de que há uma chance para a paz. O acordo político cínico, posto em prática pelo governo para evitar um congelamento dos assentamentos durante os primeiros estágios das negociações de paz era irritante, e com razão. Nós devemos criar uma nova coalizão no governo israelense, uma que inclua os partidos que apoiem a paz” [...] “Não parece que o atual governo esteja tentando mudar a atual tendência em curso dos assentamentos”, disse Diskin. “Os nossos amigos em todo o mundo estão desistindo quando se trata de implementar a solução de dois Estados para a região. Há uma grande frustração na Cisjordânia. Os palestinos sentem que o seu país está sendo roubado deles. Entre muitos palestinos há

⁶ A Iniciativa de Genebra é uma proposta para a paz não oficial de dois Estados lançada em Outubro de 2003 por um grupo privado de israelenses e palestinos. A iniciativa foi encabeçada pelo arquiteto de Oslo e ex-vice-chanceler Yossi Beilin no lado israelense, e ex-ministro Yasser Abed Rabbo do lado palestinos. (RAVID, 2013).

⁷ Em resposta à afirmação de Diskin, o primeiro-ministro Netanyahu afirmou que “qualquer um que pense que a ameaça palestina é maior que a ameaça de uma bomba nuclear iraniana é desconectado da realidade e carente de visão estratégica” (RAVID, 2013).

uma sentimento de que não há futuro, apenas um passado negativo." (RAVID, 2013)

Os seis líderes aprovaram interrogações brutais dos indivíduos detidos, ainda que não esteja clara qual a extensão das técnicas e dos métodos utilizados para convencimento dos presos em traírem suas cidades natais e até comandarem assassinatos. Os ex-agentes fizeram uso do massivo poder à sua disposição em um esforço para prevenir ataques terroristas e proteger a população de Israel. Contudo, os custos humanos e morais requeridos por este objetivo eram por vezes grandes demais. (ANDERMAN, 2013). Os seis entrevistados acabam por reconhecer os erros cometidos durante suas respectivas gestões e criticam as decisões tomadas pelas lideranças políticas às quais se reportavam. Conforme descreve Rudoren, os ex-líderes do Shin Bet “falam com um misto de orgulho e vergonha sobre os interrogatórios brutais e operações mortais, com um deles se referindo a um assassinato em particular como uma operação muito limpa e elegante”. (RUDOREN, 2013)

Para os amantes das estratégias nacionais de defesa, o documentário demonstra a excepcional capacidade do Estado israelense em termos de coleta de informações e inteligência. A enormidade dos arquivos do Shin Bet que processam informações, dados, coletam entrevistas e depoimentos impressiona o espectador. Em termos técnicos, o Shin Bet é provavelmente uma das agências com a maior e mais meticulosa coleção de dados sobre famílias, aldeias, grupos e instituições tanto palestinas quanto dos países que fazem fronteira com Israel, haja vista suas operações nas Colinas de Golã e principalmente no sul do Líbano. Contudo, o aspecto ético é o que chama mais atenção no documentário, ao se questionar a moralidade em se despejar uma bomba de uma tonelada (ou de um quarto de tonelada) por um F-16 em uma área altamente povoada de Gaza, da utilização dos assassinatos dirigidos (*targeted assassinations*) e das técnicas de interrogatório ‘aprimoradas’ (“*enhanced*” *interrogation techniques*).

O documentário de Dror Moreh é excelente, não somente pela coragem do diretor e pelos impressionantes depoimentos dos seis líderes que avaliam sua carreira, a ocupação e o processo de paz em retrospecto, como pelas questões que naturalmente incita no público: o custo moral e humano das táticas anti-terroristas, a precariedade do processo de paz e do diálogo, a viabilidade da solução de dois Estados, o monopólio sobre segredos de Estado relativos à segurança nacional e questões de direitos humanos, direito à resistência palestina, violenta e não violenta, além de questões

identitárias em relação aos árabes, desumanização do inimigo e posterior inevitabilidade da violência, dentre tantas outras. O filme nos permite até elaborarmos sobre temas mais acadêmicos ligados ao estudo do terrorismo, como a eficácia do assassinado (dirigido) dos líderes espirituais de grupos insurgentes e a presença de terrorismo interno dentro de células judaicas extremistas, como a conspiração para explodir o Monte do Templo nos anos 1980 e o assassinato de Yitzhak Rabin em 1995. Cabe ao espectador, por exemplo, avaliar se os então líderes máximos do Shin Bet são nada mais do que emissários e atendem às vontades políticas do Estado israelense e, no limite, da população israelense, ou se possuem autonomia em relação às suas práticas e escolhas. Cabe ao espectador se questionar se, então, simples emissário do governo ou agente autônomo, este homem e esta agência que promovem técnicas no mínimo questionáveis contra o chamado terror palestino representam o desejo do cidadão médio israelense. O documentário nos indica que os ex-líderes da agência abandonaram a brutalidade como *modus operandi* ao lidar com o conflito. E a população israelense, teria também chegado a esta mesma conclusão?

Referências bibliográficas

- ANDERMAN, Nirit. Acclaimed film The Gatekeepers reveals jarring insight into Israel's defense establishment. **Haaretz**, Israel, 07 de Janeiro de 2013. Disponível em: <http://www.haaretz.com/culture/arts-leisure/acclaimed-film-the-gatekeepers-reveals-jarring-insight-into-israel-s-defense-establishment.premium-1.492343>. Acesso em: 05 de Dezembro de 2013.
- DENBY, David. 'The Gatekeepers'. **The New Yorker**, Nova Iorque, 29 de Novembro de 2012. Disponível em: <http://www.newyorker.com/online/blogs/culture/2012/11/the-gatekeepers-directed-by-dror-moreh.html>. Acesso em: 13 de Março de 2014.

LEVY, Gideon. The Gatekeepers? Shin Bet heads who deserve repudiation are valued in Israel as national heroes. **Haaretz**, Israel, 30 de Dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.haaretz.com/opinion/the-gatekeepers.premium-1.490739>. Acesso em: 05 de Dezembro de 2013.

RAVID, Barak. Ex-Shin Bet chief: Conflict with Palestinians riskier for Israel than nuclear Iran: 'I want a homeland that does not require the occupation of another people in order to maintain itself,' Yuval Diskin says. **Haaretz**, Jerusalém, 04 de Dezembro de 2013. Disponível em: <http://www.haaretz.com/news/diplomacy-defense/.premium-1.561824>. Acesso em: 05 de Dezembro de 2013.

RUDOREN, Jodi. 'Most Israelis Are Not Listening': 'Gatekeepers,' Oscar Nominee, Has Muted Reaction in Israel. **New York Times**, Nova Iorque, 25 de Janeiro de 2013. Disponível em: http://www.nytimes.com/2013/01/27/movies/awardsseason/gatekeepers-oscar-nominee-has-muted-reaction-in-israel.html?pagewanted=all&_r=0. Acesso em: 05 de Dezembro de 2013.

TAYLOR, Mark. Israel in trouble: review of The Gatekeepers, by Dror Moreh. **Open Democracy**, Londres, 21 de Janeiro de 2013. Disponível em: <http://www.opendemocracy.net/mark-taylor/israel-in-trouble-review-of-gatekeepers-by-dror-moreh>. Acesso em: 14 de Março de 2014.

TROY, Gil. 'The Gatekeepers': Speaking spooks' coup d'etat. **The Jerusalem Post**, Jerusalém, 30 de Abril de 2013. Disponível em: <http://www.jpost.com/Opinion/Columnists/The-Gatekeepers-Speaking-spooks-coup-detat-311628>. Acesso em: 14 de Março de 2014.

Demais fontes de pesquisa

THE GATEKEEPERS FILM. Israel. **Homepage**. Disponível em: <http://www.thegatekeepersfilm.com/en.html>.

Q&A: DROR MOREH AND EMAD BURNAT – AL JAZEERA. **Homepage**. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/video/middleeast/2013/02/20132238533812503.html>

MOSSAD – ISRAEL SECRET INTELLIGENCE SERVICE. Israel. **Homepage**. Disponível em: <http://www.mossad.gov.il/Eng/AboutUs.aspx>

SHABAK – ISRAEL SECURITY AGENCY. **Homepage**. <http://www.shabak.gov.il/english/Pages/default.aspx>

SHIN BET - HAARETZ. **Homepage.** Disponível em:
<http://www.haaretz.com/misc/tags/Shin%20Bet-1.477755>